



CÂMARA MUNICIPAL DE ARAGUARI
ESTADO DE MINAS GERAIS

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 06/2017

“CONCEDE O DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO AO
EXCELENTÍSSIMO SENHOR RODRIGO RODRIGUES DUARTE”

A Câmara Municipal de Araguari, Estado de Minas Gerais, aprova
E eu, Presidente com base no artigo 40 inciso IV da Lei orgânica do
Município, promulgo o seguinte Decreto Legislativo:

Artigo 1º - Fica concedido o ‘Diploma de Honra ao Mérito “ao Excelentíssimo Senhor “Fábio Divino
de Oliveira”, pelos relevantes serviços prestados ao município.

Artigo 2º - A entrega do Diploma será feita em data a ser marcada de comum acordo entre a Câmara
Municipal e o homenageado

Artigo 3º - Revogadas as disposições em contrário, este Decreto Legislativo entra em vigor na data da
sua publicação.

Câmara Municipal de Araguari, Estado de Minas Gerais, em 21 de março 2017


Virginia Alcântara
Vereadora


Wesley
2017


Alca

NOME: Rodrigo Rodrigues Duarte

Data Nascimento: 27/02/1980

Pai: Joaquim Gomes Duarte

Mãe: Meire Rodrigues Duarte

Endereço: Rua Marciano Santos nº759

Bairro: Centro-Araguari-MG

Rodrigo é uma pessoa super especial ele apresenta características do Down, vem se destacando em nossa cidade como cidadão atuante, que se tornou um exemplo para todos nós.

Sua carreira Estudantil

-Iniciou seus estudos na APAE

-Escola Regina Pacis

-Escola Estadual Antônio Nunes

-IPEA

-Conservatório de Musica de Araguari (Gaita e Teclado)

-É eleitor Aragarino

-Membro do Coral da Igreja Assembleia de Deus

-Membro do Conjunto Musical Luz Resplandecente

Trabalhos

Desde criança trabalhou sempre junto com os pais, na Lanchonete Lanches Duarte no mercado Municipal de Araguari.

Atualmente é funcionário da Rede de Farmácias Pague Menos onde já trabalha a 4 anos .

É uma pessoa muito querida por todos que o conhecem, pois é muito cativante, alegre e responsável .

JUSTIFICATIVA

Rodrigo Rodrigues Duarte é um exemplo de ser humano a ser destacado pela sociedade, atuante, inclusive como modelo a ser seguido por pessoas as quais tenham um membro da família com a mesma síndrome.

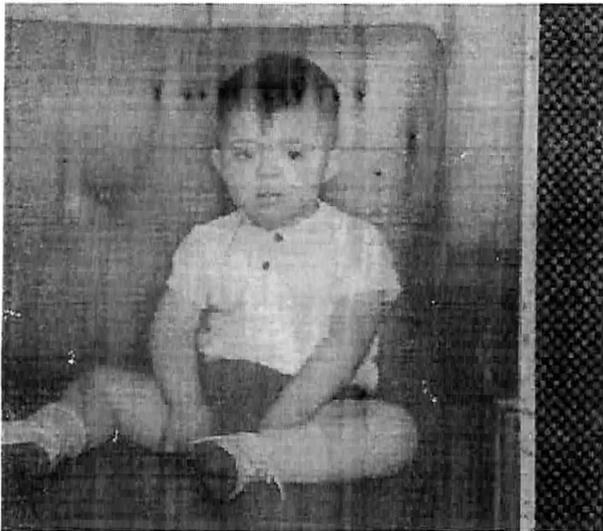
Atualizado em 21/03/09 - 11h50

tem 300 mil pessoas com Síndrome de Down

Genética foi determinada por Jérôme Lejeune em 1959. No século, expectativa de vida aumentou de 15 para 70 anos.

ulo

clique para ampliar



Vitor Campos é exemplo de quem ultrapassou a expectativa de vida estabelecida em 1959 (Foto: Glauco Araújo/G1)

clique para ampliar



Grupos de apoio para crianças com Síndrome de Down em centro de apoio em São Paulo (Foto: Glauco Araújo/G1)

clique para ampliar

O Brasil tem 300 mil pessoas com a Síndrome de Down. As informações são do pediatra e geneticista Zan Mustacchi, chefe do Departamento de Genética do Hospital Estadual Infantil Darcy Vargas e responsável pelo tratamento de 20% da população com a síndrome no país. Em 1959, quando a caracterização genética foi descoberta por Jérôme Lejeune, a expectativa de vida da criança era de apenas 15 anos. Após o desenvolvimento de tratamentos adequados, atualmente, os deficientes intelectuais podem chegar a 70 anos.

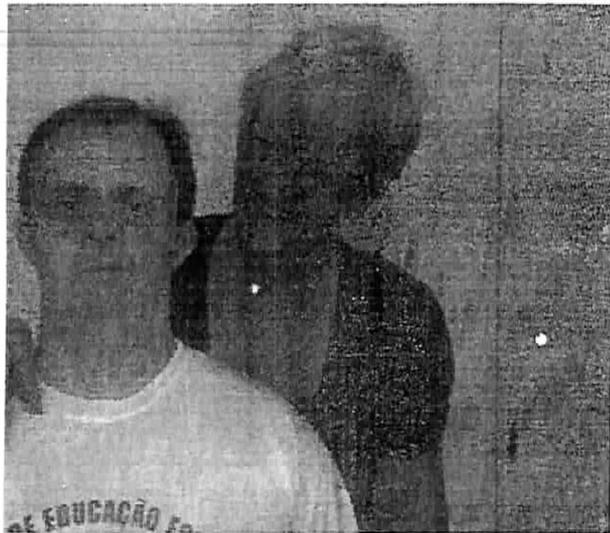
Neste sábado (21) é celebrado o Dia Internacional da Síndrome de Down, pois o dia 21 de março é grafado como 21/3, o que faria alusão à trissomia do cromossomo 21, que provoca, entre outras características, a hipotonia muscular generalizada, fenda da pálpebra mais estreita, cardiopatia e face achatada.

Esta caracterização física havia sido desenvolvida por John Lagdon Down, em 1866, mas sem explicação científica. "Foi o pesquisador Lejeune que propiciou a melhor evolução do tratamento há 50 anos. A ciência, no entanto, não foi o mais importante, mas o uso da informação sim. Ela ofereceu à medicina e aos pais a possibilidade de darem mais qualidade de vida aos filhos com a síndrome", disse Mustacchi.

O pediatra e geneticista disse que a descoberta, em 1959, permitiu um salto no aumento da expectativa de vida dos pacientes. "Naquela época, a medicina acreditava que o indivíduo com essa deficiência intelectual pudesse viver entre 15 a 20 anos. Cinquenta anos depois, podemos dizer que o paciente pode viver perto da expectativa de vida média da população brasileira, que chega a 80 anos", afirmou Mustacchi.

Acima da expectativa

O mineiro Vitor José Campos, 44 anos, não teve o nome escolhido por sua mãe Zélia Botrel Campos Reis, quando nasceu com a Síndrome de Down. Por acreditarem que ele morreria em menos de uma semana, as enfermeiras da



Os médicos disseram que Vitor não sobreviveria uma semana após o nascimento (Foto: Glauco Araújo/G1)

maternidade registraram e batizaram o bebê para que ele não morresse pagão. Ele é um dos exemplos de que novos tratamentos modificam a expectativa de vida do paciente.

"Minha mãe não sabia o que fazer, pois nem o nome do filho escolheu. Foi um choque para ela. Depois deste primeiro momento, os médicos diziam que ele viveria apenas sete anos, depois aumentaram para 14 anos e ainda concluíram que ele morreria aos 21 anos. Erraram todas as previsões", disse a professora Rosângela Lázara Campos, 45 anos, irmã de Vitor.

A pedagoga Milena Castro Ramos, do Centro de Educação Especial Síndrome de Down (Ceeds), em Campinas, disse que as crianças com a síndrome precisam sair de suas casas e conviver em sociedade. "O programa de estímulo precisa ser feito desde os primeiros dias de vida até o terceiro ano. A inclusão escolar precisa ser realizada dos 3 aos 14 anos. Acima desta idade, ainda é necessário o

atendimento multidisciplinar, com fisioterapeutas, fonoaudiólogos e atividades físicas".

clique para ampliar



A mãe, que hoje sofre do Mal de Alzheimer (Foto: Glauco Araújo/G1)

Amor de mãe

Hoje, aos 80 anos e acometida pelo Mal de Alzheimer, é dona Zélia, mãe de Vitor, que recebe todos os cuidados do filho. "Ela entregou sua vida para salvá-lo. Em 1970, ela saiu de Minas Gerais, seguiu para São Paulo e depois para Campinas (SP). Entre os 15 e 25 anos do filho, conseguiu que ele fosse alfabetizado. Foi uma vitória de minha mãe, que hoje tem a retribuição do carinho dedicado a ele. Vitor cuida da mãe como se ela fosse sua filha", disse Rosângela.

"O esforço dos pais, sem sombra de dúvida, fez com que seus filhos vivessem mais tempo. Este crédito não é dos cientistas e nem da medicina. É todo dos pais. São eles a peça mais importante do tratamento da síndrome. São eles que quebram as barreiras do preconceito, da exclusão social e fazem seus filhos viverem com independência", disse Mustacchi.

clique para ampliar



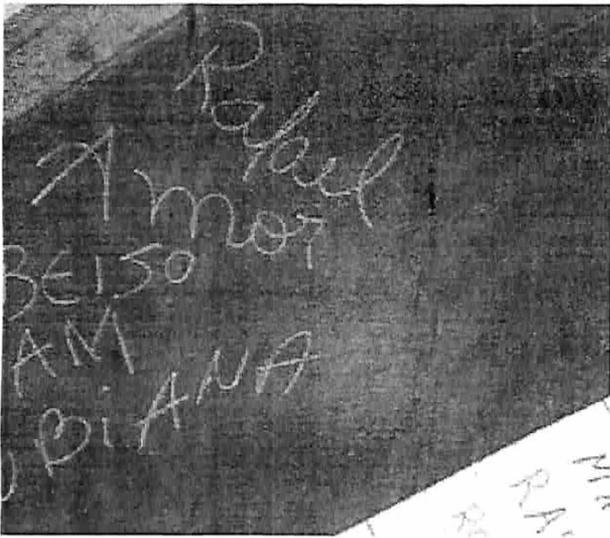
Fanático da Ponte Preta e também adora ler sobre futebol (Foto: Glauco Araújo/G1)

Cidadania, amor e futebol

Extrovertido, Vitor assiste a quatro telejornais diários, adora discutir sobre futebol e política. Eleitor desde os 18 anos, lembra de todos os candidatos em que votou e se orgulha de ter mantido contato, por carta, com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, quando ainda era senador, para falar sobre a Síndrome de Down.

Torcedor fanático da Ponte Preta, Vitor lembrou da picardia de já ter entrado de graça no Estádio Moisés Lucarelli para assistir a um jogo da Macaca. "Disse que tinha prioridade para entrar por ter Síndrome de Down, mas foi só uma vez, pois eu gosto de comprar o ingresso dos jogos", disse o torcedor alvinegro, apontando no jornal a oitava posição do time na classificação do Paulistão.

clique para ampliar 



Parceiros com Síndrome de Down usa lousa para vencer preconceito
 (Foto: Paulo Araújo/G1)

Rubiana Laís Correia, 17 anos, passou por todas as etapas de estímulo em seu desenvolvimento intelectual. "Ela apresenta evolução bastante grande, pois já é alfabetizada, gosta de dançar e tem uma desenvoltura motora e mental. São características típicas de quem se beneficiou com as técnicas mais modernas de tratamento e acompanhamento de quem tem a síndrome", disse a pedagoga Milena.

Tímida, ela passou a adotar um jeito diferente para se comunicar com seu namorado, Rafael, 18 anos, que também é educando no Ceeds, em Campinas. "Eu escrevo uma mensagem de amor para ele na lousa da sala em que ele estuda. No outro dia, é ele quem deixa uma mensagem para mim", disse a jovem, que não deixa de ter sonho de se casar.

Apaixonada por novelas, Maria Sofia Beatriz Celidório, 38 anos, aproveita o cenário da academia que frequenta para fazer exercícios e dançar e mostra que também é vaidosa. "As pessoas são legais comigo. O lugar também é bacana para dar uma paquerada."

Porém, apesar de tudo, as chances de uma mulher com a Síndrome de Down gerar um filho com a mesma alteração genética é baixa. De acordo com ele, pelo menos metade dos embriões com Downs não chega a nascer e terminam em abortos. No Brasil, cerca de cinco mil crianças nascem com a síndrome a cada ano. Na América do Sul, um bebê com a síndrome nasce entre 600 crianças nascidas vivas.

Essa realidade precisa ser conversada com eles, individualmente, apesar de toda a importância que o tema oferece, até mesmo em famílias comuns. Mas há de se ter cuidado. O que é comum ser questionado é quem vai cuidar de o bebê nascer deficiente ou quem irá ficar e cuidar da criança".

Notícias de Brasil